

A reclamação de um defunto

A nossa inteligência rotineira está de tal maneira ordenada, que se recusa admitir o que é inabitual. (RICHET).

Há tempos procurávamos um texto que tínhamos lido, mas não o encontrávamos, dada a quantidade de livros que temos em nossa biblioteca, até que um dia, lendo um livro comprado há pouco, deparamos com ele. É algo interessante que aconteceu e que vem indubitavelmente provar que o inconsciente não pode ser tomado como base para a explicação das manifestações espíricas. Evidentemente, sabemos ser possível emergir do inconsciente do médium certos fatos que, se não analisados, poderão ser tomados como sendo de um espírito desencarnado manifestando-se, quando, na verdade, ele apenas os retira do seu inconsciente. Esses casos são denominados de animismo, quer dizer, produzidos pela própria alma do médium. Assim, um pesquisador que se preze não pode cair nos extremos, ou seja, dizendo que tudo é manifestação de espíritos ou que é tudo do inconsciente: separar o joio do trigo é sua tarefa.

Vejamos, então, o caso que estávamos querendo relatar, cujo teor transcrevemos da narrativa de Charles Richet, prêmio Nobel de Medicina de 1913, sobre o médium Daniel Douglas Home:

Se bem que Home fosse sobretudo notável por sua mediunidade objetiva, ele deu provas brilhantes de lucidez. Havia falado, em casa de visitantes que via pela primeira vez, um Harford, de uma mulherzinha trajando um grande vestido de seda cinza que havia entrevisto e que, parecia, era um fantasma, pois, que havia desaparecido do mundo dos viventes. Home então ouviu uma voz que lhe dizia: "desagrada-me que um outro caixão mortuário seja colocado sobre o meu; não suportarei isto". Ele não compreendeu o que esta frase enigmática significava. Como no dia seguinte foram ao cemitério para visitar o túmulo da senhora do vestido de seda cinza, no momento de pôr a chave na fechadura do jazigo o guarda disse: "Perdoai-me; porém, como havia algum lugar em cima do caixão da senhora, ontem, colocamos o caixãozinho do filho de L... Não tivemos tempo para preveni-la". (RICHET, C. *Tratado de Metapsíquica*, tomo I, São Paulo: Lake, s/d, p. 207-208).

Analisando essa ocorrência, percebemos que: ou nós aceitamos que a mulher desencarnada realmente foi a autora da reclamação de ter um caixão em cima do dela - aí estaríamos admitindo a vida após a morte e a comunicação com os mortos -, ou estaremos diante de um inconsciente "Judas", na possibilidade de Home ter captado essa informação da mente de alguém, que, todavia, não disse o seu nome para que pudesse ser identificado, o que nos parece estranho. Mas, nessa hipótese, qual explicação poderia ser dada para esse "inconsciente" se transformar num fantasma e aparecer ao médium como uma mulher e ainda lhe falar ao ouvido? Teria o "inconsciente" tanto poder assim? Ou estaria o sr. Home passando por uma alucinação visual e auditiva? Como pode ser isso se o fato realmente aconteceu?

À questão só cabe, obviamente, uma das alternativas. A que nos parece mais lógica é a que diz que os mortos continuam mais vivos do que nunca, e por isso nós podemos estabelecer contato com eles. Entretanto, mudaremos de opinião se um só cientista nos provar que o inconsciente possa fazer o que foi aqui relatado, mas, por favor, não nos venha com uma atitude como a de Lavoisier que "disse que os meteorólitos não caíam do céu, porque não havia pedras no céu." (RICHET, p. 25).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Dez/2006.

(Publicado no Jornal Espírita, nº 378, fevereiro 2007, São Paulo: FEESP, p. 6).